

# Brasília: inteligência e indigência

CORREIO BRAZILIENSE

Paulo Timm

04 MAI 1992

A conferência de Oscar Niemeyer, no último dia 9, no comentário do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, perpetua Brasília como um grande marco na sua carreira de arquiteto. Citando Heldeguer — “A razão é inimiga da imaginação” — o criador da nova capital repetiu, novamente, os ingredientes disto: “Depois da Pampulha, eu queria manter a coragem de seguir inovando de forma e quebrar as linhas regulares de pilotis e coberturas, sintetizando estes elementos numa só estrutura que tocasse suavemente o chão”. Brasília surge, então, deste gesto, como um espaço arquitetual inédito que a transformaria na Atenas do Século XX. Um acervo sobretudo cultural que demonstraria à história as potencialidades do homem dito moderno. Livre, sabedor da técnica, sensível. E, assim, constrangido por uma sala repleta de representativas personalidades da inteligência nacional, Niemeyer revive a epopéia de Brasília lembrando a determinação de JK, os bailes populares da “Cidade Livre”, a esperança depositada na construção de um novo tempo. De repente, como

único expectador brasileiro, sinto-me estranho e eis que fico a me perguntar: por que este sentimento de orgulho perante Brasília, que era um sentimento profundo e nacional guardado com carinho pelos “pioneiros” foi-se dissipando, para dar lugar ao ar de deboche? Quantos moradores da cidade têm a dimensão precisa do relicário que habitam; onde os planos de valorização deste consagrado patrimônio da formação?

Mais uma vez cedo à tentação de comparar Brasília com Cuba revolucionária, sua contemporânea, igual fruto da rebeldia diante de uma razão ética que a dilacerava. E me vem à lembrança um velho filme cubano estigmatizando o desprezo das massas famintas pelos requintes da inteligência. Terá acontecido a mesma coisa com Brasília, transformada em grande acampamento de sitiante incapazes de lhe descobrir este misterioso dom poético, comandada por “Strelhikofs” que não têm senão os desígnios da razão como conhecimento da necessidade.

Atrai-me pensar o contrário: que talvez a imaginação semeada no

Plano Piloto não tenha encontrado ambiente à procriação e se tenha banalizado como um produto autoritário do mestre.

E me confirmo.

Onde a imaginação urbanística na interligação do Plano com as satélites? Onde a criatividade na construção das pontes de Brasília com o Centro-Oeste? Onde os esforços público e privado na montagem de uma vivência inovadora na capital da República? Onde inteligência ligada em categoria fundamental do processo de formação de opinião pública nesta cidade? Onde o marco conotativo deste umbral sagrado? Onde a economia correspondente à arquitetura?

Consola-me descobrir que a indigência cultural de Brasília nada tem a ver com a multiplicação das massas como fonte de sabedoria. Ou tem pouco. Mas em nada me alivia desta misteriosa angústia “ferida de mortal beleza”, única, solitária. Brasília está a merecer novos amores.

■ Paulo Timm é diretor técnico da Co-deplan